

# OS INDÍGENAS SOB O OLHAR DE HANS STADEN E LA CONDAMINE: RUPTURAS E PERMANÊNCIAS

INDIGENOUS UNDER THE VIEW OF HANS STADEN AND  
LA CONDAMINE: RUPTURES AND PERMANENCES

**Keulle Oliveira da Souza<sup>1</sup>**

<https://orcid.org/0000-0003-3127-0380>

<http://lattes.cnpq.br/2426142443592303>

**Daiane Ribeiro Gomes<sup>2</sup>**

<https://orcid.org/0000-0003-2367-8423>

<http://lattes.cnpq.br/9535974582105870>

**Euzébio de Oliveira<sup>3</sup>**

<https://orcid.org/0000-0001-8059-5902>

<http://lattes.cnpq.br/1807260041420782>

**Marcos César da Rocha Seruffo<sup>4</sup>**

<http://orcid.org/0000-0002-8106-0560>

<http://lattes.cnpq.br/3794198610723464>

**José Guilherme dos Santos Fernandes<sup>5</sup>**

<https://orcid.org/0000-0001-9946-4961>

<http://lattes.cnpq.br/7023812449790431>

<sup>1</sup> Mestranda vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Antrópicos na Amazônia (UFPA). Especialista em Gestão e Docência no Ensino Superior pela Faculdade Atual. Licenciada e Bacharela em Ciências Sociais pela UNIFAP. Integrante do Grupo de Pesquisa em Saúde, Sociedade e Ambiente (UFPA) e do Laboratório de Educação, Meio Ambiente e Saúde (UFPA). E-mail: profakeulle@gmail.com.

<sup>2</sup> Mestranda no PPGEAA da UFPA. Graduada em Licenciatura Plena em Ciências Naturais pela Universidade do Estado do Pará. Graduada em Direito pela Faculdade do Pará. Especialista em Direito Material e Processual do Trabalho pela Universidade da Amazônia. Integrante do Grupo de Pesquisa em Saúde, Sociedade e Ambiente (UFPA). E-mail: daianeadv19@gmail.com.

<sup>3</sup> Professor Adjunto da Universidade Federal do Pará. Professor Permanente no Programa de Pós-Graduação em Estudos Antrópicos na Amazônia (UFPA). Líder do Grupo de Pesquisa Saúde, Sociedade e Ambiente (UFPA) e segundo Líder do Grupo de Pesquisa "Laboratório de Educação, Meio Ambiente e Saúde" (UFPA) e pesquisador permanente do Grupo de Pesquisa em Metodologia para Ensino, Epidemiologia, Saúde Pública, e Tecnologia na Amazônia (UFPA). Graduado em Ciências Biológicas. Mestre em Biologia Ambiental (UFPA) e Doutor em Medicina Tropical - Doenças Tropicais, pela Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: euzebio21@yahoo.com.br.

<sup>4</sup> Professor Associado I da Universidade Federal do Pará (UFPA). Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos Antrópicos na Amazônia (UFPA). Pesquisador do Laboratório de Pesquisa Operacional. Graduado em Tecnologia em Processamento de Dados pelo Centro Universitário do Estado do Pará (CESUPA), é Especialista em Suporte Técnico de Sistemas Computacionais pela Universidade Federal do Pará (UFPA), Mestre em Ciências da Computação (UFPA) e Doutor em Engenharia Elétrica (UFPA). Pós-Doutorado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/RJ). E-mail: marcos.seruffo@gmail.com.

<sup>5</sup> Professor Associado da Universidade Federal do Pará, no Programa de Pós-Graduação em Estudos Antrópicos na Amazônia (UFPA). Doutorado em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Estágio pós-doutoral na Universidad Nacional de Tres de Febrero (Untref/Argentina). Coordenador do grupo de pesquisas Colaboratório de Interculturalidades, Inclusão de Saberes e Inovação Social. Membro da Red Educación Superior y Pueblos Indígenas en América Latina, da Universidad Nacional Tres de Febrero, Buenos Aires, Argentina, sendo também Investigador Posdoctoral Visitante do Centro Interdisciplinario de Estudios Avanzados, nesta universidade. Sócio colaborador na Associação Brasileira de Antropologia. Membro Associado do Centre Interuniversitaire d'Études et de Recherches Autochtones, Polo Montreal, Canadá. E-mail: guilherme.profufpa@gmail.com.

Recebido em: 21 de março de 2020

Aprovado em: 6 de agosto de 2020

**RESUMO:** O presente artigo tem por objetivo apresentar as percepções do alemão Hans Staden (1525-1576), e do francês La Condamine (1701-1774) sobre as sociedades indígenas, sobretudo as brasileiras, contidas nas obras: *Viagem ao Brasil*, Hans Staden (1930) e *Viagem na América Meridional, descendo o Rio das Amazonas* (2000), considerando as suas expedições, respectivamente nos anos de 1548-1549 e 1735. Como metodologia, utilizou-se a pesquisa bibliográfica, com uma abordagem qualitativa, recorrendo-se à análise de conteúdo de forma crítica. Tendo em vista esses aspectos, verificou-se que as narrativas produzidas pelos autores sobre as sociedades indígenas, foram marcadas por visões predominantemente eurocêntricas e preconceituosas a respeito do modo de vida dos autóctones, contribuindo para o fortalecimento do projeto colonizador arquitetado pelos europeus.

**Palavras-chave:** Expedições, Indígenas, Brasil.

**ABSTRACT:** This article aims to present the perceptions of the German Hans Staden (1525-1576), and the French La Condamine (1701-1774) about indigenous societies, especially Brazilian ones, contained in the works: *Journey to Brazil*, Hans Staden (1930) and *Travel in South America, going down the Amazon River* (2000), considering their expeditions, respectively in the years 1548-1549 and 1735. As a methodology, bibliographic research was used, with a qualitative approach, using the content analysis critically. In view of these aspects, it was found that the narratives produced by the authors about indigenous societies, were marked by predominantly Eurocentric and prejudiced views regarding the way of life of the indigenous people, contributing to the strengthening of the colonizing project designed by Europeans.

**Keywords:** Expeditions, Indigenous, Brazil.

## 1 INTRODUÇÃO

No decorrer do projeto colonial, os discursos produzidos pelos europeus a respeito do Brasil foram diversos, alimentaram imaginários, e fomentaram percepções a respeito do modo de vida dos indígenas<sup>6</sup>. Neste sentido, este artigo aborda a visão de Hans Staden e La Condamine sobre os indígenas, com base em suas respectivas obras<sup>7</sup>: “*Viagem ao Brasil*” (1930) e “*Viagem na América Meridional, descendo o Rio das Amazonas*” (2000).

A escolha pelos autores justifica-se pelo contexto histórico e social vivido por cada um deles: Staden (séc. XVI) e La Condamine (séc. XVIII). Os autores representam traços divergentes do ponto de vista da relação com os indígenas e das regiões que ambos percorreram. Por outro lado, apresentam linhas em comum nos discursos, dos quais se destacam os seguintes: foram produzidos por europeus (um alemão e outro francês), que estiveram em território brasileiro, estabeleceram relações com os indígenas e retornaram para Europa com uma gama de informações e significados, deixando as suas marcas por onde passaram.

A questão norteadora do presente estudo indaga de que maneira, os discursos dos autores Staden e La Condamine reiteraram imagens depreciativas em relação aos indígenas? Parte-se do pressuposto de que as narrativas serviram como um instrumento a serviço da propagação

<sup>6</sup> O termo indígena citado refere-se à forma genérica, uma vez que não é objetivo do artigo discutir a diversidade étnica.

<sup>7</sup> Obra no sentido de construção literária

das ideias do colonizador europeu, para legitimar um modelo de civilização considerada superior.

Em uma primeira análise, verifica-se que, embora em momentos históricos distintos no tempo e no espaço, é possível identificar similitudes nos discursos. Nesses termos, “por trás das metáforas de fundação, como a do nascimento do Brasil, há a busca e atribuição de uma natureza, de um destino [...]” (OLIVEIRA, 2017, p. 8). Natureza e destino produzidos verticalmente pelo colonizador, e impostos como ferramentas modeladoras de comportamentos.

A respeito das imagens produzidas no contexto colonialista, pôde-se verificar silenciamentos dos povos locais, embora eles tivessem funções estratégicas para a manutenção da lógica exploradora europeia. Neste sentido, para Dutra (2001, p. 4) “o discurso do colonialismo é um aparato de poder, que se apoia no reconhecimento e repúdio de diferenças raciais, culturais e históricas, cuja estratégia predominante é criar espaços para povos sujeitos [...]”. Assim, apesar da utilidade dos povos indígenas para a continuidade de práticas exploratórias, prevaleceram discursos relacionados à suposta indolência, exotização, selvageria e vitimização desses povos.

## 2 METODOLOGIA

Coube analisar qualitativamente, (LAKATOS, 2008), as concepções da complexidade trazidas nas obras *Viagens ao Brasil*, Hans Staden (1930) e *Viagem na América Meridional, descendo o Rio das Amazonas*, La Condamine (2000), por tratarem de narrativas historicamente produzidas, e analisadas profundamente, as mesmas demonstram a caracterização do espaço e a valorização dos fenômenos, a fim de estabelecer fatos à época, possibilitando reexame e proporcionando perspectivas para a construção de um novo olhar diante das possíveis permanências, identificadas nos discursos dos autores que possam depreciar a imagem dos indígenas na atualidade.

O estudo foi realizado por meio de pesquisa bibliográfica (GIL, 2008), uma alternativa de pesquisa que se propõem a buscar e analisar o conhecimento já publicado, principalmente em livros e artigos científicos, sobre um determinado tema de maneira aprofundada. As referidas obras tratam de aspectos diversos, porém a intenção do artigo não direcionou para análise dos textos em sua totalidade, mas sim prioritariamente para a percepção dos autores em relação aos grupos indígenas, com os quais tiveram contato, considerando o contexto histórico de cada expedição, destacando-se os aspectos relacionados ao modo de vida dos indígenas, a cor da pele, os rituais antropofágicos, as línguas indígenas e o sistema de justiça.

A análise das obras dá suporte ao entendimento crítico de como até os dias atuais se coaduna visões eurocêntricas e preconceituosas a respeito do modo de vida dos autóctones, mapeados nas visões dos dois autores, em suas obras, que se tornaram importantes instrumentos para a consulta sobre costumes dos povos da América.

## 3 OBRA VIAGENS AO BRASIL, HANS STANDEN

A obra *Viagem ao Brasil* teve como protagonista *Hans Staden*, um viajante alemão do século XVI. Staden esteve no Brasil, em 1548, e depois em 1549. Na primeira viagem, representava os interesses de Portugal, sua principal função foi: atacar navios franceses com “selvagens”<sup>8</sup>.

<sup>8</sup> Termo utilizado por Hans Staden para se referir aos indígenas.

Além disso, ele também transportou sujeitos a segredo de Portugal para o Brasil, para cumprirem penas de desterro e exílio. O alemão destaca que a primeira viagem se deu de forma conflituosa, pois os indígenas estavam insatisfeitos na condição de escravos. Dessa forma, retorna à Europa sem constatar sucesso em sua expedição.

Na segunda viagem, Hans Staden veio representando os interesses da Coroa Espanhola, o seu trajeto foi marcado por um naufrágio. Em uma primeira análise, não se sabe a exatidão da sua localização, até que em 1549 deitaram ancora, e, no mesmo dia alguns dos tripulantes saíram no bote para explorar a Bahia, conforme descreve Staden “começamos a pensar que fosse um rio, que se chama Rio de S. Francisco, situado também na mesma província, pois que, quanto mais entrávamos, mais cumprido parecia” (STADEN, 1930, p.44).

Ao retornar à Alemanha, Staden redigiu textos como resultado das suas expedições ao Brasil, a qual se tornou um grande sucesso da época. Quando o autor se refere à América, ele a descreve da seguinte maneira:

A América é uma grande terra com muitos selvagens, e muitas diferenças nas línguas. Há nella muitos animais estranhos e é bella de ver-se. As árvores estão sempre verdes e nenhuma madeira desta terra se assemelha às outras. A gente anda nua, e em nenhuma parte da terra, que está entre os Tropicis, em tempo algum do ano faz tanto frio como aqui em Michalis; mas a parte dessa terra que está ao sul do Tropicus Capricorni, é um pouco mais fria[...]. A gente tem a pelle de cor vermelha parda, por cansa do sol que a queima. É povo bem parecido, muito ladino no praticar o mal e propenso a perseguir e devorar os seus inimigos. (Ibid p. 132)

Além das descrições sobre os aspectos naturais da América, na citação anterior, Staden (1930) observa a diversidade das línguas faladas no continente. Além disso, a respeito do “povo” ele destaca que o tom da pele “vermelha parda” é resultado do sol da região. Em seguida, acrescenta informação sobre os indivíduos encontrados, afirmando que se trata de “[...] uma gente bonita de corpo e de feição, tanto os homens como as mulheres [...] Fazem furos na boca e nas orelhas e nelles introduzem pedras, que são seus ornamentos, e se enfeitam com penas” (Ibid p.140). Porém, conclui dizendo que eles têm propensão ao mal, perseguindo e devorando os seus possíveis inimigos.

Staden passou alguns meses prisioneiro dos índios Tupinambás<sup>9</sup>. Os Tupinambás realizavam rituais de antropofagia, a respeito desses rituais, Staden (1930) faz as seguintes descrições:

Não fazem por fome, mas por grande ódio e inveja; e quando na guerra combatem, gritam um para o outro, por grande ódio [...] “a ti sucedam todas as desgraças, minha comida”. [...] “eu quero ainda hoje cortar a tua cabelá”. [...] “para vingar a morte dos meus amigos, estou aqui”. [...] “tua carne será hoje o sol, entre o meu assado. Tudo isso fazem por grande inimizade. (STADEN, 1930, p. 157)

Na percepção de Staden, ao realizarem rituais antropofágicos, os indígenas eram movidos por sentimentos de ódio, raiva e inveja dos seus inimigos, movidos por significados relacionados à sua honra. Sobre o significado da honra para os Tupinambás, Staden (1930) observou que “A sua maior honra é prender e matar muitos inimigos, [...] quantos mais inimigos cada qual tiver morto, tantos nomes pode tomar. E o mais nobre entre elles, é aquelle que conta

---

<sup>9</sup> Tupinambás. Nome dados aos grupos indígenas que viviam no litoral do Pará, Maranhão, Bahia e Rio de Janeiro.

mais nomes desta espécie” (STADEN, 1930, p. 152).

Seguindo em suas análises, Staden fala sobre o regime e a ordem que deve seguir em relação às autoridades e à justiça, pois para ele não havia regime especial, e muito menos um sistema de justiça organizado, cada cabana possui seu superior hierárquico, sendo da mesma raça, podendo fazer o que lhe aprouver. Nas palavras do autor:

Cada cabana tem um chefe, que é o seu principal. Todos os seus chefes são de uma e mesma raça, com mando e regimen, e podem fazer tudo o que quiserem. Póde por ventura um deles ter-se distinguido mais na guerra do que o outro; este então é sempre mais ouvido, quando se trata de novas guerras, como o já referido Konian-Bebe. No mais, não vi direito algum especial entre eles, sinão que os mais moços prestam obediência aos mais velhos, como é dos seus costumes. Quando alguém mata ou fere a outrem, os amigos deste se dispõem logo a matar, por sua vez, o ofensor, o que, porém, raras vezes acontece. Prestam obediência também aos chefes das cabanas, e o que estes mandarem fazer, executam sem constrangimento nem medeo, e somente por boa vontade (Ibid, p. 144).

Sobre as riquezas dos povos da América, Staden descreve a valorização dos indígenas em inserir penas de aves no corpo, e pedras nos lábios como exposição de status de supervalorização de pertences, assim como plantação de raízes leguminosas das quais se alimentavam, diferente hábito do modo de vida econômico europeu, que se dava por acumulação de bens, pedras preciosas e ouro. De acordo com ele:

Não há divisão de bens entre elles. Nada sabem de dinheiro. Suas riquezas são pennas de pássaros; e quem tem muitas é que é rico. Quem traz pedras nos lábios, entre elles, é um dos mais ricos. Cada Casal, homem e mulher, tem a sua plantação de raízes, das quaes se alimenta. (STADEN, 1930, p. 152)

Assim sendo, o autor observa que o modo de atribuir valor a riqueza dos indígenas com os quais teve contato, muito difere do valor corrente da moeda na Europa. Dessa maneira, é salutar que os povos indígenas retiravam, da própria natureza suas riquezas, e a ela sabiam valorizar e respeitar conforme parâmetros deixados por seus antepassados.

#### **4 LA CONDAMINE E OS SEUS RELATOS NA OBRA VIAGEM NA AMÉRICA MERIDIONAL, DESCENDO O RIO DAS AMAZONAS**

Charles de La Condamine foi um cientista francês que realizou viagens para África e Ásia, na esquadra de Duguay-Trouin, em 1731. Em 1735, embarcou de La Rochelle (França) chegando ao Peru em maio de 1736, juntamente com os cientistas europeus Pierre Burguer e Louis Godin, também membros da Academia de Ciências de Paris, além de outros tripulantes. A sua expedição durou cerca dez anos, o objetivo primordial tinha um caráter prioritariamente científico: medir o arco meridional da terra.

No início do século XVIII a forma da terra era uma questão em debate. Havia o interesse em confirmar ou não, se a Terra seria achatada nos pólos, como afirmava o cientista Isaac Newton (1646-1727). A expedição de La Condamine pode ser considerada pioneira de caráter científico, destinada ao Novo Mundo<sup>10</sup>.

<sup>10</sup> Termo atribuído ao continente americano.



Na obra intitulada “*Viagem na América Meridional, descendo o Rio das Amazonas*”, La Condamine reúne informações relacionadas à medição da Terra, contribui para o desenvolvimento da cartografia do Rio Amazonas e da ciência, descreve a diversidade dos costumes dos indígenas americanos, e traz referências a respeito da fauna e flora da região amazônica. O que distinguiu La Condamine dos demais componentes da sua expedição foi o seu espírito alinhando às novidades científicas e a sua fama de bom escritor e relator de trabalhos, que a colocaram em uma posição de destaque.

Concluída a fase de geodésica<sup>11</sup> da expedição, La Condamine escolheu uma rota diferente do restante dos membros de expedição inicial para retornar à Europa. Percorreu o Rio Amazonas<sup>12</sup> entre os anos 1743 e 1744, desde Jaén de Bracamoros (Peru) até a sua foz, em Belém do Pará (Brasil) desembocando no Oceano Atlântico. Neste percurso, reconstruiu um mapa do Rio Amazonas, que desfez alguns equívocos do mapa produzido pelo jesuíta Samuel Fritz datado do ano de 1691.

#### 4.1 OS INDÍGENAS NA VISÃO DE LA CONDAMINE

La Condamine não se dedicou exaustivamente aos estudos sobre aspectos comportamentais e culturais dos índios americanos<sup>13</sup>. Nas notas introdutórias o autor afirma que “para não iludir aqueles que num relato de viagem só procuram acontecimentos extraordinários, e pinturas agradáveis dos costumes estrangeiros e hábitos desconhecidos, devo advertir que esses aqui encontrarão pouco de que se satisfaçam” (Ibidem, 2000, p. 32). Porém é possível identificar em sua obra, aspectos relevantes sobre os povos locais.

Em uma primeira análise sobre os indígenas, La Condamine afirma que “antes de passar adiante, creio dever dizer uma palavrinha a propósito do gênio e caráter dos homens originários da América meridional, que vulgarmente se chamam com impropriedade ‘índios’[...]” (Ibid, 2000, p. 60). Portanto, ele observa o equívoco ao utilizar o termo “índio” para denominar autóctones. Sobre as características físicas dos indígenas, o autor destaca a tom avermelhada da pele. Ele menciona que:

Todos os antigos nativos do país são trigueiros e de cor avermelhada, mais ou menos clara; a diversidade de matiz deve-se verossímil, e principalmente, às diferenças de temperatura do ar dos países que habitam, pois vai do maior calor da Zona Tórrida até o frio causado pela vizinhança da neve. (Ibid, 2000, p. 59)

É perceptível na escrita do autor que há diversidade entre os modos de vida, ocupações e costumes dos indígenas. Ele atribui esta diversidade ao clima, aos rios, à variedade de alimentos e às pequenas relações comerciais entre grupos. Para ele “[...] um índio duma cidade ou aldeia do Peru, por exemplo, deve distinguir-se de um selvagem do interior do continente [...]” (Ibid, 2000, p. 60), porém não aprofunda as observações nesta perspectiva. O autor observa um aspecto comum entre todos os indígenas com os quais teve contato, este traço fundador é a insensibilidade. Afirma o autor:

<sup>11</sup> Geodésica é a ciência que estuda as dimensões, forma e o campo de gravidade da Terra, permitindo analisar, medir e representar o espaço geográfico do planeta com precisão.

<sup>12</sup> Forma genérica para se referir ao rio desde o Peru até o Brasil.

<sup>13</sup> Termo utilizado por Charles de Lacondamine.

A insensibilidade é o fundamental. Fica a decidir se a devemos honrar com o nome de apatia, ou se lhe devemos dar o apodo de estupidez. Ela nasce indubitavelmente do número limitado de suas ideias, que não vai além de suas necessidades. Glutões até a voracidade, quanto têm de que saciar-se; sóbrios quando a necessidade os obriga a se privarem de tudo sem parecerem nada desejar; pusilânimes ao excesso, se a embriaguez os não transporta; inimigos do trabalho, indiferentes a toda ambição de glória, honra ou reconhecimento [...] (Ibid.2000. p. 60)

Com base na citação acima, os indígenas não viviam angustiados com as coisas futuras, com o porvir, pois seriam incapazes de pensar para além do tempo presente. Em relação às suas formas de raciocínio, nas análises de La Condamine eles “passam a vida sem pensar, e envelhecem sem sair da infância, cujos defeitos todos são conservados.” (Ibid, 2000 p. 60). Para La Condamine, um homem que vive a mercê da natureza, despojado da educação e da vida em sociedade, pouco diferia das bestas.

La Condamine acreditava que a facilidade proporcionada pela natureza aos indígenas, poderia ter favorecido a suposta “preguiça” dessas populações. Para ele, era fácil encontrar diversas qualidades de peixes em reservatórios naturais, principalmente nos períodos em que a água baixava de nível. Ele relata o uso de plantas que “embriagavam” os peixes, fazendo-os flutuar na água, permitindo que os indígenas os pegassem com facilidade, utilizando as próprias mãos. Descreve o autor que “os índios, por meio dessas plantas e de tapumes com que barram a entrada dos pequenos rios, pescam tantos peixes quantos querem” [...] (Ibid, 2000, p. 105). Nesta perspectiva, os indígenas tinham acesso a tudo o que precisavam, em abundância para sobreviver, sem grandes esforços.

Sobre as línguas indígenas, o autor observa que apesar da diversidade, elas eram pobres do ponto de vista da expressão de ideias abstratas, por exemplo, palavras que deveriam expressar termos como tempo, ser, justiça e liberdade careciam de representatividade ou não eram traduzíveis nas línguas nativas<sup>14</sup>, deixando lacunas para algumas expressões. Ele observou também que em muitos casos uma língua só era compreendida por apenas uma ou duas famílias.

Entre os indígenas, há um destaque para os Omáguas<sup>15</sup> (na língua Peruana) e Cambevas (denominação feita por portugueses presentes no Pará). O autor relata costumes “extravagantes” desses povos, como o hábito de “apertar entre duas tábuas a fronte das crianças que acabam de nascer, para lhes dar aquela estranha figura, e para fazê-las mais parecidas, dizem eles, com a lua cheia [...]” (Ibid. p. 70).

Sobre rituais antropofágicos, primeiramente ele diz não existir indígenas que os praticam nas margens do rio Maranhão<sup>16</sup>, porém no interior, precisamente ao “lado norte remontando o Japurá”, ainda restavam indígenas que comiam os seus prisioneiros de guerra. Com base nos fatos mencionados, o autor afirma:

Não há hoje em dia nenhuma nação guerreira inimiga dos europeus nas margens do Maranhão: todas foram submetidas, ou se retiraram para longe. Entretanto há ainda lugares onde seria perigoso de dormir. Alguns anos passados, o filho dum governador espanhol que conhecemos em Quito, tendo empreendido a descida do Amazonas, foi surpreendido nas florestas, e massa-

<sup>14</sup> Termo utilizado pelo autor na obra consultada.

<sup>15</sup> O nome Omáguas, assim como Cambevas, significa “cabeça chata”.

<sup>16</sup> Rio Amazonas apresenta a maior vazão de água, a nascente do rio está localizada no lago Lauri, nos Andes do Peru. O rio Amazonas está presente nos países do Peru, Colômbia e Brasil, em sua bacia hidrográfica estão também os países da Bolívia, Equador, Venezuela e Guiana.

crado pelos selvagens das terras do interior [...]” (Ibid p. 76)

Há de se considerar, que timidamente o autor trata da participação dos indígenas na execução do seu percurso sobre o Rio Amazonas. Em alguns trechos eles aparecem como construtores de jangadas, em outros como remadores, acompanhantes, desbravadores e recolhedores de tributos. Por outro lado, o autor destaca que todos os indígenas eram excelentes nadadores (Ibid, 2000, p. 50).

Sobre as supostas “Amazonas”, o autor descreve que durante todo o seu percurso pelo rio Amazonas, indagou sobre a existência de supostas “mulheres belicosas” que Orellana<sup>17</sup> havia dito ter entrado em confronto. Todas as nações indígenas responderam que, de alguma forma, ouviram seus pais relatarem a existências dessas mulheres, juntados a uma série de particularidades. Porém, La Condamine analisa que fortes evidências indicaram para a existência de “mulheres solitárias, que se retiraram para as bandas do norte, no interior das terras, pelo rio Negro, ou por outro que pelo mesmo lado vem ter ao Maranhão” (Ibid. p. 81).

## 5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A representatividade das narrativas do início do contato colonial foi marcadamente influenciada por aspectos religiosos, catequizadores, políticos e econômicos, sem uma demarcação de limites claros entre eles. Hans Staden e La Condamine representavam interesses exógenos, não eram portugueses, nem espanhóis, porém expressavam anseios das Coroas Portuguesa e Espanhola. Além disso, refletiam os jogos de poder e as disputas pelo “Novo Continente”<sup>18</sup>. Expressavam as relações diplomáticas entre os países europeus, as permissões e concessões para explorar e percorrer territórios.

Hans Staden realizou viagens sob dois domínios (primeiramente português e depois espanhol), cada um à sua época e de acordo com devidos interesses. Bem como, La Condamine teve o passaporte concedido pelo rei da Espanha Filipe V, na primeira fase de sua expedição rumo ao Peru. Entretanto, para percorrer áreas brasileiras foi autorizado pelo governo português, visto que a concessão para explorar determinados territórios deveria partir dos portugueses.

O alemão Staden protagoniza os primeiros contatos entre o “Novo Mundo” e a Europa. Por isso, em sua obra é recorrente o uso da palavra “selvagem” para denominar os indígenas. A sua obra foi lida, adaptada e ressignificada em diversos momentos até chegar à tradução que circula no Brasil “Viagem ao Brasil”, versão do texto de Marpurgo, de 1557, revista e anotada por Theodoro Sampaio, representando a edição de 1930, compondo uma série de publicações da Biblioteca de Cultura Nacional, publicadas pela Academia Brasileira de Letras.

O alemão Staden começa dizendo que resolveu visitar as “Índias” baseado na vontade de Deus, saiu do seu país rumo à Portugal para cumprir a sua missão, aguardando o momento oportuno para a sua partida, até encontrar com o Capitão Penteado e servir à este como artileiro, em um navio bem aparelhado de tudo o que é necessário em alto mar. (Ibid. 1930). Observa-se aqui a influência do Cristianismo no discurso de Staden, quanto às suas motivações para se aventurar em uma expedição.

La Condamine, por sua vez foi impulsionado por questões científicas, protagonizando um

<sup>17</sup> Orellana Aventureiro e explorador espanhol.

<sup>18</sup> Termo atribuído ao continente americano.



momento marcado pela busca de respostas baseadas na razão, fortalecendo o desenvolvimento da ciência moderna, contribuindo para a tentativa de universalização de um tipo de conhecimento: o científico. Para a autora Mello (2010):

[...] a França lança-se às missões científicas, que, sob pretexto de explorações do solo, do clima, da latitude e longitude, do estudo dos povos, da fauna e da flora, vão muito mais longe, no sentido de buscarem garantir a irradiação das ideias do Iluminismo. (MELLO, 2010, p. 144)

Percebe-se que ao escrever, descrever ou narrar, o cientista francês se difere dos viajantes do século XVI, pois estes carregavam os seus relatos de concepções que alimentavam o imaginário, este, por sua vez, escreve em tom mais racionalista e empirista influenciado pelos ideais de seu tempo.

Do ponto de vista da cor da pele e das características fenotípicas dos indígenas, a análise de ambos os autores é similar, atribuindo à temperatura o tom avermelhado da pele. La Condamine vai além e destaca os variados tons, também relacionados às variações da temperatura.

A segunda viagem de Staden foi mais longa e marcada por fatos que o fizeram detalhar costumes dos índios aos quais ficou prisioneiro durante dez meses e meio, assim como as suas relações com franceses, portugueses e com outras aldeias, permitindo descrições minuciosas ao autor alemão, recheadas de supostos atos heroicos e divinos de ambos os lados. Cabe ressaltar que as duas viagens de Staden ocorrem em um intervalo de tempo correspondente há oito anos e meio. Há de considerar que Staden esteve na região litorânea do Brasil, enquanto La Condamine esteve em terras que correspondem à região amazônica.

Do ponto de vista da intensidade nas relações com os indígenas e do tempo de permanência, Staden e La Condamine apresentam diferenças. Staden, descreve com riqueza de detalhes costumes e rituais dos Tupinambás, inclusive a sua obra é repleta de ilustrações que enriquecem as suas análises. La Condamine, descreve com menos detalhes o modo de vida dos nativos, as suas observações se comparadas as de Staden, são mais genéricas. Estes fatos podem ser justificados pelo tempo de permanência de cada um deles com os indígenas. Staden teve uma experiência mais longa com os Tupinambás, enquanto La Condamine, não estabeleceu relações duradouras com nenhuma etnia com a qual teve contato

Na segunda fase da expedição, La Condamine, observa além dos aspectos naturais e geográficos, analisa também dos grupos humanos encontrados no seu trajeto sobre o Rio Amazonas. Quando ele afirma que todos os povos indígenas com os quais manteve contato possuíam características comuns, inclusive comportamentais, ele desconsidera todo o trajeto de mais de “mil léguas” que percorreria ao descer o Rio Amazonas. Interpretações genéricas, nesses moldes reforçam a invisibilidade da diversidade étnica de toda uma população, que embora estejam em um mesmo continente, apresentam características marcadamente específicas. Sobre a suposta indolência dos indígenas, AGUIAR (2011) destaca:

Ainda que fossem os indígenas considerados preguiçosos pelo cientista francês, os trabalhos de remadores das canoas que circularam na Amazônia durante as visitas dos cientistas naturalistas foram realizados pelos povos indígenas, os quais utilizaram seus conhecimentos sobre a região para guiar essas expedições pelos rios amazônicos. Além de serem os responsáveis pela condução dos mantimentos e instrumentos de pesquisa dos naturalistas. (AGUIAR, 2011, p. 153)

Em outra passagem do relato de La Condamine (Ibid, 2000, p. 61) ele se expressa da se-

guinte maneira "nossos índios remavam durante o dia; dois somente faziam sentinela à noite, um à proa e outro à popa, para manter a canoa em plena correnteza". Diante do exposto, observa-se a utilidade indígena na execução de tarefas durante o trajeto do francês.

Como observado por Aguiar (2011) e nos próprios relatos de La Condamine (2000), os indígenas serviram como mão de obra, exercendo funções estratégicas e importantes durante o trajeto de La Condamine, tais como: remadores, desbravadores da floresta, "guias", bem como exerciam atividades relacionadas à caça e à pesca. Os conhecimentos práticos dos indígenas, lhes proporcionavam o entendimento de aspectos relacionados ao funcionamento da natureza, que muito contribuíram para a continuidade das expedições. Entretanto, essas atividades exercidas pelos indígenas são mencionadas timidamente e com menos destaque. No tom de La Condamine, em relação aos indígenas se sobressaem as qualidades relacionadas à apatia, estupidez, indolência e indiferença.

Abaixo, será apresentado um quadro sinótico trazendo os principais aspectos discutidos neste artigo, para fins de organização e sistematização das ideias dos autores, e compactuar observações dos autores deste artigo.

**Quadro 1 - Comparativo dos viajantes Hans Staden e La Condamine**

AUTOR	HANS STADEN (ALEMÃO)	CHARLES LA CONDAMINE (FRANÇÊS)
<b>SÉCULO, ANO E PAÍS DE PARTIDA</b>	XVI 1548-1549 (Na primeira viagem parte de Portugal. Na segunda, da Espanha)	XVIII 1735-1746 (Parte da França e chega ao Peru) 1745-1746 (Percorre o Rio Amazonas)
<b>FUNÇÃO DO EUROPEU NA EXPEDIÇÃO</b>	Arcabuzeiro, artilheiro, atacar navios franceses, transportar sujeitos a degredo.	Relator dos trabalhos, descrever, medir o arco meridional da terra.
<b>TERMOS MAIS UTILIZADOS PARA SE REFERIR AOS INDÍGENAS</b>	Selvagens, ferozes, "Cannibais", Bárbaros.	Povos da América, índios americanos, nativos, amazonas americanas, selvagens, bárbaros
<b>FUNÇÕES EXECUTADAS PELOS INDÍGENAS</b>	Plantadores, pescadores, faziam adereços, habilidades com arcos e flechas para guerrear.	Remadores, jangadeiros, nadadores, recolhedores de impostos, protetores armados, desbravadores da natureza.
<b>SOBRE OS RITUAIS ANTROPOFÁGICOS</b>	Descreve detalhadamente esses rituais. Embora reconheça que não os fazem por fome, afirma que eles praticavam por inveja e maldade em relação aos seus inimigos.	As margens do Rio Amazonas não encontrou indígenas que praticavam tais rituais, porém no interior ainda era possível encontrá-los.
<b>LÍNGUAS INDÍGENAS</b>	Destaca as inúmeras línguas, observa que inúmeras eram as primitivas nações selvagens. Porém a mais falada era a língua Tupi, falada no Litoral.	Menciona a diversidade. Poucas famílias compreendiam determinada língua. Porém, do ponto de vista da expressão de palavras abstratas as línguas eram pobres
<b>CÁRATER E ALGUNS COSTUMES DOS INDÍGENAS</b>	Propensos ao mal, invejosos, devoradores dos inimigos, andam nus, não tem barbas, algumas raças não comem sal, obedecem aos chefes das cabanas.	Insensíveis, glutões, traiçoeiros, indolentes, incapazes de reflexão, passam a vida sem pensar, supostamente não saíram de estado de barbárie.

Fonte: Elaborado pelos autores do artigo.

Baseado nas informações e descrições acima analisadas, verifica-se que as relações estabelecidas pelos autores com os indígenas são demasiadamente complexas, elas foram repletas de negociações e intercâmbios. Cronologicamente, as obras foram produzidas em séculos de diferenças, mas os termos utilizados em referência aos indígenas são similares nas análises dos autores.

Percebe-se uma considerável diferença temporal nas viagens de Hans Staden e La Condamine. Enquanto Staden realiza as duas viagens ao Brasil no início do contato colonial, La Condamine realiza a sua expedição em meados do século XVIII. As relações que ambos tive-

ram com os indígenas foram distintas em alguns aspectos, a saber: Staden passou do status de “senhor à prisioneiro”, num primeiro momento, antes da sua captura pelos índios Tupinambás, Staden descreve a sua relação com um indígena da “tribo” dos Carijós. No Capítulo 18 de sua obra, Staden relata que o indígena lhe pertencia, sendo ele responsável por atividades relacionadas à caça e pesca (STADEN, 1930).

A relação de La Condamine com os indígenas foi menos intensa que a de Hans Staden. La Condamine não foi prisioneiro dos indígenas durante a sua viagem, ele utilizava a força de trabalho indígena, bem como o conhecimento que eles detinham sobre a natureza. Embora as relações dos autores com os indígenas fossem distintas e ocorridas em tempos significativamente diferentes termos “selvagens” e “bárbaros” foram recorrentes nas obras. Percebe-se que estes termos se constituíram como estereótipos, e remetem a ideia de que existe um modelo de comportamento a ser seguido alinhado à lógica europeia ocidental.

Tratando-se dos rituais antropofágicos, observa-se maior riqueza de detalhes na obra de Staden (1930), haja visto que este autor presenciou tais rituais. O autor descreve que ao capturar um inimigo, os Tupinambás o levavam para o seu convívio. Em um primeiro momento, mulheres e crianças recebiam o prisioneiro, raspavam-lhe as sobrancelhas, enfeitavam-o, e posteriormente o prendiam para que não houvesse fuga. Este prisioneiro recebia uma mulher, com a qual poderia ter relações sexuais. O prisioneiro cumpria o período em que recebia cuidados até chegar o momento do ritual antropofágico, onde indígenas de várias aldeias se reuniam em um cerimonial.

La Condamine, diferentemente de Staden não presenciou nenhuma prática antropofágica. Ele menciona que havia indígenas que comiam os prisioneiros na região do Rio Japurá, ele se refere aos indígenas que praticam tal ritual como “nações ferozes” que ainda não tinham sido catequizadas. Entretanto, as informações de La Condamine sobre esse aspecto são superficiais, o autor não descreve minuciosamente tal prática.

Cabe destacar que não foi objetivo tratar os indígenas de modo puro ou ingênuo, porém a participação deles foi determinante para a execução do projeto colonial. Mesmo assim, houve a prevalência de um modo de pensar e agir, depreciando e exterminando quando preciso às populações locais da América.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Brasil comumente é visto como sinônimo de abundância de recursos naturais, que podem ser convertidos em riquezas naturais, gerando desenvolvimento, a serviço das nações exteriores. Porém, se tratando dos seus grupos humanos, muitos foram silenciados e incompreendidos dentro de uma lógica própria e singular.

É evidente que os autores analisados neste artigo, através das suas obras, e os seus tripulantes procuravam se informar acerca das práticas sociais dos povos locais, o que os levou a um conhecimento um tanto superficial sobre as populações que habitavam naqueles locais. Com efeito, o que se depreende desses relatos é, primeiramente, a visão eurocêntrica que está impregnada nas lentes e nas linhas discursivas dos dois autores.

Quanto à relação dos autores com os indígenas observou-se que Staden oscilou nas suas posições sociais, vivenciando experiências na condição de senhor, bem como de prisioneiro dos indígenas Tupinambás. La Condamine, vivenciou uma relação com indígenas em que estes serviram como força de trabalho, La Condamine era visto como uma espécie de patrão, assu-

mindando um status de superioridade.

Além disso, impregna-se um discurso pela busca de uma identidade nacional brasileira, como uma tentativa homogeneizadora de povos, que é prejudicial para o reconhecimento da singularidade indígena e da sua diversidade étnica, e conseqüentemente para a construção de uma posição que os coloque como construtores das suas próprias histórias, auto representando-se enquanto sujeitos importantes em processos decisórios que envolvem as suas vidas.

Os textos antigos analisados, por um lado contribuíram para a compreensão dos aspectos naturais, por outro lado reforçaram os discursos de negação, havendo necessidade de enfrentamento aos discursos prontos, para dar visibilidade aos modos de vida dos indígenas, pois o não conhecimento gera equívocos e distorções e conhecimento produzido por um único viés é prejudicial. Por outro lado, é necessária cautela para não tratar as narrativas como verdadeiras vilãs, pois elas foram criadas em tempos e espaços diferentes, representando interesses diversos.

Por fim, o conhecimento científico precisa ser visto como uma ferramenta capaz de dialogar com outros conhecimentos e saberes, possibilitando alternativas de enfrentamento aos estereótipos, auxiliando na construção de narrativas juntamente com os indígenas, e não sobre eles, desfazendo assim, uma posição de inferioridade e sobreposição de visões. O trabalho buscou ressignificar as narrativas antigas e contribuir para um esforço contínuo e interdisciplinar que abarque questões indígenas criticamente, desfazendo-se a visão de uma história única.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, José Vicente. **As narrativas dos viajantes e a produção dos povos indígenas**. 2011. 215 folhas. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Porto Alegre.
- DUTRA, Manuel. **Amazônia na tv: produção de sentido e o discurso da ecologia**. In Revista INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação – Campo Grande /MS – setembro 2001. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/27354693151354466114859850109076138042.pdf>. Acesso em: 10 de julho de 2019
- CARNEIRO, Henrique Soares. **O Múltiplo imaginário das viagens modernas: ciência, literatura e turismo**. História: Questões & Debates, Curitiba, n. 35, p. 227-247, 2001.
- FONSECA, Vitoria Azevedo. **Eus e olhares sobre os outros: relatos de Hans Staden e suas releituras cinematográficas**. In Revista Virtual Outros Tempos. Volume 7, número 9, julho de 2010
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 2008.
- LA CONDAMINE, Charles-Marie de. **Viagem na América Meridional descendo o rio das Amazonas** - Brasília: Senado Federal, 2000.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, Marina A. **Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- MARTINS, Maria Cristina Bohn. **Uma jornada pela América Meridional e de volta à Europa: Charles Marie de La Condamine e o relato de sua expedição pelo Amazonas**. Estudos Ibero-Americanos, PUCRS, v. 38, n. 2, p. 303-324, jul./dez. 2012.
- MELLO, Maria Elizabeth Chaves. **O relato de viagem – narradores, entre a memória, o fictício e o imaginário**. Niterói, n. 28, p. 141-152, 1. sem. 2010.

OLIVEIRA, João Pacheco de Oliveira. **O nascimento do Brasil e outros ensaios:** pacificação, regime tutelar e formação de alteridade. Rio de Janeiro. 2016

STADEN, Hans. **Viagem ao Brasil**. Disponível em: <https://tendimag.files.wordpress.com/2012/12/hans-staden-viagem-ao-brasil-1930.pdf>. Acesso em: 30 de agosto de 2019.